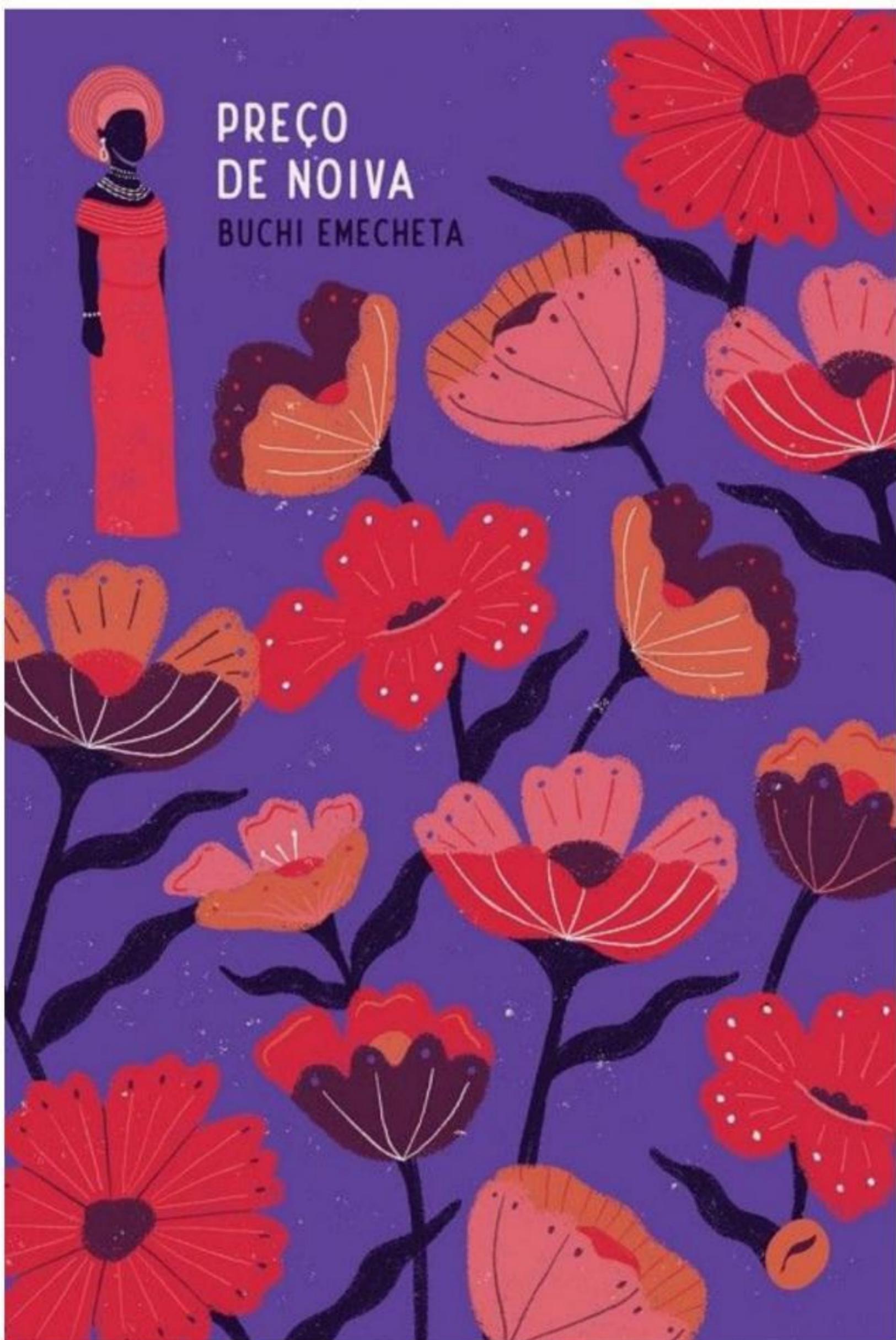


PREÇO
DE NOIVA
BUCHI EMECHETA



Índice

O preço de noiva
Morte
O enterro
Retorno a Ibuza
A vida em Ibuza
Tradições
Os escravos
Um tipo de casamento
Fuga
Providência tentadora
Sobre a autora
Créditos

O PREÇO DE NOIVA



Aku-nna encaixou a chave na fechadura, virou para um lado e para o outro, empurrou a porta pintada de branco até abrir e ficou ali, muito imóvel. Pois bem no meio da sala estava o pai deles, encarando-os de volta, sem palavras. Parado, o chapéu nas mãos, devidamente uniformizado nas roupas cáqui de trabalho e com a aparência de um criminoso pego roubando.

Aku-nna e o irmão, Nna-nndo, entraram no apartamento de um cômodo, ainda observando-o, mudos na exigência de uma explicação. Você deveria estar no trabalho, seus olhares silenciosos pareciam dizer. Você não pode estar aqui; você tem que estar no pátio da locomotiva com seus colegas e não aqui de pé no meio da sala nos assustando desse jeito. Mas se o pai deles tinha qualquer explicação para dar, estava ganhando tempo.

O menino Nna-nndo tinha onze anos. Ele era alto para a idade, com a estrutura estreita da mãe. Na escola, tinha acabado de começar a usar tinta e estava determinado a contar isso para todo mundo. Escrever à tinta era para ele uma conquista acadêmica, pois, apesar de ser muito inteligente em outras artes, ele era bastante lento no estudo com os livros. Os dedos dele sempre se sujavam com a tinta: ela pingava da garrafa nas suas mãos e um pouco no uniforme cáqui da escola. Um outro tanto ele até esfregava nos seus cachos lanosos e, se você perguntasse por que ele fazia isso, ele responderia: “A tinta deixa meu cabelo mais preto”. Ele tinha um bom senso de humor, igual à mãe deles, Ma Blackie.

Ma Blackie era uma mulher imensa. Ela era tão alta e aprumada que seus poucos inimigos a chamavam de “mulher palmeira”. Sua pele retinta tinha lhe valido o apelido de “Blackie, a Preta” quando ela era pequena, e nada nela tinha mudado muito agora que tinha a sua própria família. De fato, sua negritude estava ainda mais reluzente. Então os vizinhos e amigos adicionaram o respeitoso título de “Ma” ao seu nome, e ela se tornou “Ma

Blackie”, não apenas para os seus filhos, mas para todo mundo. Se você fosse até a Rua Akinwunmi e dissesse que estava procurando por uma “Ma”, um título compartilhado por muitas mulheres, seu interlocutor provavelmente perguntaria “será que você está falando da Ma Blackie?”.

Entretanto, Ma Blackie, apesar de estar sempre rindo e ser alegremente barulhenta, tinha um problema familiar. Ela estava demorando demais para engravidar de novo. Desde que seu marido retornara da Birmânia, havia uns cinco anos, ao final da guerra, ela não engravidara como as outras esposas de maridos que tinham ido ao exterior lutar contra Hitler. O marido dela, Ezekiel Odiá, a levou a todos os médicos nativos pelos quais ele podia pagar em Lagos, mas, mesmo assim, nada mais de filhos. Ele chegou a incentivá-la a se unir à seita Querubins e Serafins. Aquelas pessoas balbuciavam suas orações a Deus de um jeito frenético, mas que de nada serviram. Ma Blackie não estava grávida. Em desespero, ela decidiu ir à cidade natal deles, Ibuza, para apaziguar a deusa do Rio Oboshi e convencê-la a lhe dar bebês.

Enquanto Ma Blackie estava em Ibuza recarregando sua fertilidade, Aku-nna e Nna-nndo foram deixados para cuidarem de si mesmos e do seu pai. Ezekiel Odiá, que eles com frequência chamavam de “Nna”, a palavra igbo para pai, precisava manter seu emprego no pátio da locomotiva, onde trabalhava como o chefe da fundição. Esse cargo de responsabilidade lhe fora dado como sinal de respeito por ter ido à guerra, e ele o valorizava de corpo e alma. Acordava muito cedo todas as manhãs, ziguezagueava pelo único quarto acordando a todos os demais e, em meio à afobação, derrubava uma coisa, pegava outra, gritava procurando uma terceira com a sua voz pequeninha. De tamanho, ele também era pequeno, e as pessoas se perguntavam como ele foi casar com uma mulher tão gigante. A resposta talvez fosse que, como a maioria dos homens igbo da sua geração, ele tinha tomado sua esposa quando ela ainda era uma menina; o problema com a noiva do Ezekiel foi que ela pareceu nunca parar de crescer. Entretanto, esse desequilíbrio natural não causou nenhum incômodo no casamento. Tudo que ele fez foi levar Ezekiel Odiá a adquirir um jeito estranho de ficar na ponta dos pés quando ia defender seus pontos de vista.

Então, nesse dia em particular, quando os dois filhos tinham corrido da escola para casa esperando encontrar a sala vazia de sempre, eles ficaram atordoados ao flagrar o pai ali de pé, no meio da sala, os olhos injetados e com linhas vermelhas que se cruzavam como minúsculos vermes dentro deles. Ele estava nervoso, puxando e retorcendo seu velho chapéu de feltro, ainda indeciso sobre o que dizer aos filhos e como começar.

Aku-nna chegou mais perto. Ela tinha apenas treze anos, mas percebera há bastante tempo que nem tudo estava bem na família. Em muitas ocasiões,

ela escutara outras mulheres do conjunto habitacional fazerem canções sobre a falta de filhos de Ma Blackie. Ela ouviu repetidas vezes Ma Blackie e Nna discutindo por causa desse grande problema da falta de filhos. Nna não parava de tagarelar, falando com aquela sua vizinha triste, dizendo a Ma — relembrando-a — que ele tivera que pagar o dobro do preço de noiva normal antes de poder fazer de Ma a sua esposa. Ele se irritava, sua vizinha choramingava como um cachorro faminto, e depois ele se erguia na ponta dos pés, talvez com isso esperando aumentar a sua estatura, e lembrava Ma Blackie que, por ter pago esse alto preço de noiva, ele tinha feito o casamento deles ser santificado pela Igreja Anglicana. E o que ele tinha recebido em troca de tudo isso: um único filho!

Aku-nna sabia que era muito insignificante para ser considerada uma bênção nesse casamento desafortunado. Não bastasse ela ser uma menina, ela era magra demais para os parâmetros dos seus pais, que prefeririam ter uma garotinha forte e rechonchuda. Aku-nna simplesmente não ganhava peso, e isso a fazia parecer sempre faminta; mas ela só não tinha o tipo saudável de apetite que seu irmão, Nna-nndo, tinha. E ainda havia outras desgraças que ela derramava sobre a família. Se uma criança na outra ponta da Rua Akinwunmi tivesse catapora, era certo que Aku-nna ia pegar; se alguém nos fundos do quintal tivesse malária, Aku-nna também teria. Para ela, a vida era uma sequência de hoje pé, amanhã cabeça, depois pescoço, a tal ponto que a mãe dela muitas vezes lhe suplicara que decidisse de uma vez por todas se ela ia viver ou morrer. Uma coisa que Ma Blackie não podia suportar — ela repetia sem parar — era uma “morta-viva”, uma ogbanje.

Ezekiel Odia com frequência sentia pena da filha, particularmente porque ela puxou mais a ele do que à amazona da sua esposa. Ela era pequena, Aku-nna; sim, não tanto na altura quanto na estrutura óssea, e ela não era nem um pouco escura, sua pele tinha aquela cor marrom pálida de quando se coloca leite demais no chocolate. Os olhos dela eram grandes como os do pai, mas abertos e translúcidos; o marrom desses olhos sempre tinha um brilho especial quando ela estava feliz e animada; quando ela ficava triste, o fulgor desaparecia. Ela não tinha desenvolvido as encruzilhadas vermelhas que o pai tinha no branco dos olhos, mas Ezekiel sabia que, exceto pelo fato de que ela prometia ser uma mulher bastante alta, a filha era igualzinha a ele. Ele a nomeara Aku-nna, que significava, literalmente, “riqueza do pai”, sabendo que o único alívio com o qual ele podia contar vindo dela seria o preço de noiva. Para ele, isso era algo pelo que ansiar.

Aku-nna, por sua parte, estava determinada a não decepcionar o pai. Ela ia casar bem, com um homem rico que seu pai aprovaria e que poderia pagar um alto preço de noiva. Primeiro, ela teria o casamento solenizado pelas

lindas deusas de Ibuza, depois os cristãos cantariam para ela uma marcha nupcial — “Lá vem a noiva” —, depois o pai dela, Nna, convocaria os espíritos dos seus tataravós para guiá-la e, depois de tudo isso, e apenas depois de tudo isso, ela deixaria a casa do pai.

Mas naquele dia quente, quando o sol estava deitando o seu fogo inclemente sobre as cabeças desprotegidas das crianças voltando da escola, quando o calor estava tão intenso que o chão parecia ter sido cozido e depois assado, quando o calor invadia os pés descalços dos africanos trilhando seus tantos caminhos a diversos destinos, quando o ar estava tão imóvel, tão sem água, tão sem seiva, que a transpiração precisava brotar dos corpos humanos para neutralizar a temperatura — Aku-nna esqueceu de todos os pensamentos sobre seu preço de noiva e sentiu uma espécie de proximidade que ela não sabia nomear vinculando-a ao seu pai. Ela chegou mais perto dele e observou uma grande gota de suor abrindo caminho, como uma serpente, ao descer o dorso do nariz de Nna; chegando, então, à parte larga onde o nariz formava duas narinas negras em forma de funil, esse grande curso de transpiração hesitou um momento e, assim como o grandioso Rio Níger se parte em afluentes, dividiu-se em linhas menores. Uma ou duas das minúsculas linhas desaguou na boca de Nna. Ele não as lambeu; mas enxugou.

Depois ele falou, com a voz muito grossa: “Eles querem que eu vá ao hospital para ver meu pé. Não devo demorar. Vou estar de volta para a refeição da noite”.

As crianças olharam para baixo na direção do pé doente do pai. Aquele pé idiota, Aku-nna pensou para si mesma, sempre causou muitos incômodos ao pai. Era resultado da guerra. Isso ela tinha ouvido de muitos dos seus parentes, especialmente do velho tio Richard, que também fora à guerra. Mas ele era mais comunicativo que o pai deles. O tio Richard contou para as crianças que os britânicos brancos não conseguiam suportar o pântano na Birmânia e na Índia, então eles fizeram soldados da África Ocidental os substituírem. O pai deles tivera sorte de voltar vivo, ele disse às crianças, porque muitos soldados africanos morreram, não pelas bombas de Hitler, mas por causa das condições a que foram submetidos. Eles eram ou devorados por mosquitos na selva birmanesa ou picados por cobras aquáticas na Índia. Aku-nna não sabia qual dessas calamidades tinha de fato acometido o seu pai, mas um dos pés dele tinha uma cicatriz horrível, resultado de uma má recuperação, e esse pé costumava ficar inchado sempre que o tempo mudava. Ele já fora engessado, recebera inúmeras injeções de medicamentos pelo médico da empresa ferroviária, recebera orações, mas, ainda assim, o pé inchava de vez em quando. Agora a perna voltara a causar

dor em Nna, e essa tensão aparecia por mais que ele tentasse escondê-la. Havia um leve inchaço no outro pé também, mas ambos os pés estavam calçados num par de sapatos cáqui de trabalho e não aparentavam estar tão mal em comparação a como eles geralmente ficavam na temporada de chuvas. Então por que Nna parecia tão infeliz? Se tudo que ele faria era ir até o hospital na ilha de Lagos para um exame de rotina, e se ele ia voltar para a refeição da noite, por que ele parecia tão culpado, tão perturbado?

Aku-nna não perguntou ao pai em voz alta, mas esses pensamentos estavam na sua cabeça, desordenados e persistentes. Ela suspirou de alívio, entretanto, já que não havia motivo de alarme. Nna estaria de volta para a refeição da noite. Se ela fosse adulta, teria dado uma bronca nele dizendo: “Mas você nos assustou tanto! Parado aí como se tivesse visto um fantasma”. Mas na Nigéria não se pode falar assim com um adulto, especialmente com o próprio pai. Vai contra as prescrições da cultura. Apesar disso, algum pequeno instinto maternal nela a fez pensar que o pai poderia precisar de um pouco de conforto. Ela estava agora tão perto que podia tocar nele.

Ela pousou sua pequena mão sobre a dele e disse: “Vou fazer sopa Nsala para você, muito quente, com muita pimenta, e o purê de inhame que vou preparar para acompanhar não vai ter nenhum caroço. Então, Nna, volte depressa para casa para comer sua refeição da noite ainda quente. Eu sei que você não gosta dela fria”.

Nna sorriu. Seus olhos avermelhados se concentraram na filha, os cantos dos olhos formavam pequenas rugas, e os dentes brancos brilhavam. Por um momento, a expressão abatida no seu rosto doente e inchado desapareceu.

“Obrigado, minha pequena filha, mas não cozinhe mais inhames do que você pode amassar. Aquele pilão é pesado demais pra você. Não bata muito”. Ele pegou o seu chapéu de feltro do trabalho, que tinha deixado sobre uma cadeira, e o ajustou à cabeça raspada, puxando a aba um pouco para baixo, na frente dos olhos, e então afofando as laterais no formato certo. “A chave do armário grande está na minha calça cinza: você sabe, a que está pendurada no cabide da parede. Se quiser dinheiro, pegue no armário, mas cuide muito no que vai gastar, porque você tem que fazer durar por muito tempo”.

Se as crianças chegaram a pensar consigo mesmas “mas você volta a tempo da refeição de hoje de noite”, ficaram com medo demais para dizer. Pois, não apenas seria rude, mas também o rosto de Nna, depois do breve sorriso, tinha assumido as feições definitivas de uma porta fechada. Ele ficou brusco, como alguém que se prepara para uma partida final. Suas mãos, escurecidas por anos de trabalho na fundição da ferrovia, tocavam aqui e ali, agarrando coisas e as soltando em seguida. Ele pediu que se comportassem

com a mãe deles e que respeitassem todos os adultos. Ele disse que deveriam tentar honrar o nome dele, pois se importava com eles, pois eles eram a sua vida.

Por fim, Nna foi até a porta, dizendo que precisava ir agora. E então acrescentou: “Lembrem sempre que vocês são meus”.

Seus lábios pequenos estavam tremendo e ele os apertou com firmeza, como se estivesse tentando conter o choro de modo desesperado. Involuntariamente, como se hipnotizadas e sem poder de escolha, as crianças se aproximaram; seus jovens olhos seguiam os movimentos dos olhos do pai, que agora tinham se tornado tão grandes que pareciam se destacar em relevo na sua testa negra em vez de ficarem dentro da sua cabeça. Ele agia como se tivesse pressa. Acariciou a cabeça cheia de tinta de Nna-nndo, tocou de leve a bochecha de Aku-nna e atravessou a porta.

As crianças o seguiram, querendo implorar que ele ficasse e explicasse o que isso significava, esse mistério, esses suspiros de despedida, essa tristeza. Mas Nna não esperou. Ele correu como se os deuses o estivessem chamando, como se o chamado fosse iminente e ele precisasse atender ou ser condenado.

As crianças ficaram ali na varanda, agarradas aos pilares para terem apoio, resfriando as suas bochechas quentes contra a superfície de cimento, e apenas observaram fixamente.

Nna atravessou a rua não asfaltada em frente à casa deles, com seus sapatos de lona marrom fazendo rangidos contra os quentes pedregulhos vermelhos. Um caminhão de caçamba aberta vinha sacudindo desde a outra ponta da rua, chiando sob o peso da madeira amarrada na parte de trás. Os madeireiros, que se seguravam nas cordas com as quais as madeiras estavam amarradas, suavam profusamente nas costas nuas e brilhantes. Conforme o caminhão passou, ele levantou uma nuvem de poeira no seu encalço, cobrindo Nna. Ele não se virou para ver se os filhos o estavam olhando, apenas prosseguiu. A poeira da carreta o encobriu por completo e, quando finalmente baixou, parecia que ela o tinha engolido, assim como aquele profeta Elias, na Bíblia, foi devorado na sua carruagem de fogo.

A rua logo ficou vazia. Sua cor vermelha serpenteava entre as casas de um piso e chegava a um fim abrupto na frente de um casarão localmente conhecido como O Clube.

As crianças observaram o vazio da rua por um momento, sentiram pontadas de fome e decidiram que era hora de entrar para comer.

“Lembrem sempre que vocês são meus”, Nna tinha dito.

MORTE



na ainda não tinha voltado, conforme prometera que faria. Aku-nna tinha preparado a refeição da noite e esperava pacientemente, na esperança de que o pai elogiaria seus esforços na cozinha quando voltasse. Ela tinha realmente se dedicado mais que o normal esmurrando aquele inhame, verificando com cuidado que ele estava liso e macio antes de retirá-lo do pesado almofariz de madeira. Depois ela tinha esperado quietinha, ao lado da tigela de purê de inhame e da sopa Nsala recém-feita para Nna. Nna não veio para casa.

Logo ficaria muito escuro e Aku-nna e seu irmão nunca tinham dormido sozinhos naquele quarto antes. Ela estava começando a ficar preocupada e decidiu que, se Nna demorasse ainda mais, ela ia contar para os vizinhos. Ela sabia que os vizinhos cuidariam deles, pois naquela parte do mundo todos são responsáveis pelo próximo.

Ela estava sentada de pernas cruzadas entre os dois pilares da varanda, observando as pessoas que passavam a caminho de buscar água para a manhã, quando viu uma figura que se parecia ao tio Uche caminhando lentamente na direção da casa. Tio Uche, o filho do irmão mais velho de Nna, também era um homem pequeno, mas, ao contrário de Nna, ele nunca se apressava. De fato, a atitude vagarosa de Uche perante a vida tinha sido a causa de uma briga entre ele e Nna — uma briga tão grande que eles terminaram a socos, e Uche teve que sair de casa para viver com amigos. Aku-nna não o via desde então, e isso tinha acontecido havia muito tempo. Agora ali estava ele vindo para a casa deles e, ainda por cima, o tio Joseph vinha com ele.

Aku-nna não sabia como recebê-los. Nna não gostava do tio Uche e, quanto ao tio Joseph, ele era conhecido como o jornal local. Ele não fazia

nada além de falar da vida dos outros o tempo todo. Ma Blackie uma vez disse que, se Joseph viesse visitar e você servisse a ele uma calabauça de vinho de palma, ele iria embora e diria a todo mundo que você era tão pobre que não possuía nem copos e não tinha condições para oferecer cerveja. Ma Blackie também dizia que, se uma mulher estivesse bem vestida, Joseph contaria a seus amigos que ele tinha certeza de que a mulher tinha outro homem além do marido. Então Aku-nna tinha medo da língua do tio Joseph; só Deus sabia que histórias ele poderia inventar a respeito de qualquer um. Ela se sentiu aliviada que os dois, Uche e Joseph, tinham decidido fazer uma visita quando Nna não estava, pois era impossível prever o temperamento de Nna. Ele poderia ter jogado uma faca neles ou algo assim.

Ela se recompôs e correu para encontrá-los. Estava tão feliz de finalmente ver parentes para quem ela poderia confidenciar suas preocupações atuais que se esqueceu completamente da inclinação do tio Joseph para as fofocas e da preguiça do tio Uche. Ela disse, sem que eles perguntassem, que seu irmão, Nna-nndo, ainda estava fora, brincando, e que ele só estava na rua tão tarde porque sabia que Nna tinha ido ao hospital na ilha para um exame.

“Até parece que Nna vai ficar lá o dia inteiro, pelo jeito que Nna-nndo está se comportando”, ela disse. “Ele vai levar uma bronca quando Nna voltar”.

Ela fez uma pausa e olhou para seus tios, mas não conseguia interpretar nada nos seus rostos. Eles pareciam um pouco solenes, talvez, mas ela não se importou. Às vezes os adultos só estavam tristes e, quando você perguntava o porquê, eles diziam que você era jovem demais para entender ou que crianças comportadas não faziam perguntas demais. Se ela era jovem demais para entender o significado das expressões desanimadas, Aku-nna não era jovem demais para balbuciar suas esperanças de que o pai voltaria logo. Pois ela não tinha cozinhado uma refeição da noite especial? Conduzindo os homens à sala, ela mostrou a eles o purê de inhame e a apimentada sopa Nsala que ela havia preparado, explicando que ela tinha tapado a comida com cuidado com o melhor antimacassar de Ma Blackie porque seu pai não gostava da refeição fria.

O tio Uche não sorriu; ele sentou pesadamente, dizendo que ela havia se saído muito bem. O tio Joseph, por sua parte, olhava para ela com algo como preocupação enquanto se abaixava para sentar numa das cadeiras marrons, cadeiras que tinham o espaldar alto e estruturas primitivas. Ele disse que queria água, então Aku-nna se esgueirou até a prateleira atrás da cortina e trouxe o melhor copo de Ma Blackie, que era feito a partir de uma garrafa cortada, já que copos de verdade ainda estavam em falta depois da guerra.

Ela serviu um pouco de água da moringa de barro, que era coberta de desenhos de palmeiras, e entregou o copo ao tio Joseph. Ele bebeu em goles rápidos, seu pomo de adão se agitando para cima e para baixo conforme ele engolia, e então pediu mais. Ele devia estar com muita sede. Foi o que Aku-nna pensou consigo mesma enquanto se apressava em obedecer, rezando para que o tio Uche não quisesse também, ou não sobraria água fria para quando Nna voltasse para casa. Graças aos céus, o tio Uche não pensava em pedir água, mas o que ele disse foi muito inoportuno para ela.

“Seu Nna não vai voltar hoje à noite. Ele vai ficar no hospital por algum tempo. Eles estão tentando descobrir o que há de errado com os pés dele para que inchem tanto: se é por causa da picada de cobra, ou se é porque o pântano onde ele teve que ficar de pé por tanto tempo quando estava lutando na Birmânia fez os ossos apodrecerem. Ele não vai ficar muito tempo, mas é melhor que descubram a causa agora e tratem, em vez de deixar que ele continue com o tipo de dor interminável que vem enfrentando nos últimos dias. Vou ficar com vocês até que o seu Nna volte, pois ele quis assim”.

Aku-nna abriu a boca e fechou de novo. Seu Nna tinha dito que só ficaria lá por algumas horas; ele tinha pedido que ela preparasse sua refeição da noite porque ele estaria de volta na hora do pôr do sol. Mas Nna nunca disse uma palavra sobre suas dores — bom, Nna não tinha contado sobre muitas, muitas coisas. Ela se sentiu traída. Por que, oras, por que ele contou a verdade ao tio Uche e mentiu para ela? Ela quase odiou seus dois tios por saberem o que ela não sabia da sua própria família. O que ela ainda precisava aprender era o fato de que sua gente, o povo de Ibuza, tem o que os psicólogos chamam de mentalidade de grupo. Todos se ajudam quando têm problemas ou necessidades, e o sistema de família estendida ainda funcionava mesmo numa cidade como Lagos, a centenas de milhas de Ibuza. É um povo que pensa parecido, suas maneiras são parecidas, tanto que não ocorreria a ninguém se comportar e agir de modo diferente. Mesmo que Nna não tivesse contado ao seu sobrinho Uche, teria sido responsabilidade de Uche descobrir e tomar conta dos seus jovens primos. Que Aku-nna não soubesse disso era porque ainda era uma criança, e seu pai adivinhava que ela estava crescendo para se tornar o tipo de jovem mulher que não apenas desejaria dar tudo a quem ela amasse, mas que também se preocuparia com as pessoas amadas. Ele não queria que a filha sofresse nem se preocupasse desnecessariamente. Aku-nna sabia que havia um tipo de vínculo entre ela e o pai que não existia entre ela e a mãe. Ela amava o pai e ele retribuía tanto quanto os costumes permitiam — afinal, ela não era apenas uma menina? Uma menina pertence a você hoje, como filha, e amanhã, diante dos seus

olhos, irá para outro homem no casamento. Com essas criaturas, é preciso ter cautela e não demonstrar amor e cuidado demais, ou as pessoas perguntariam: “Veja, amigo, você vai ser também o marido da sua filha?”. Apesar de tudo isso, Aku-nna sabia que tinha um lugar especial no coração do pai. Ela não ia demonstrar aos dois tios como se sentia, que se sentia traída e que temia pelos pés, pela saúde e pela vida do pai. Ela fez uma cara corajosa, mas as emoções transpareciam em seus olhos grandes e assombrados; eles estavam úmidos, as lágrimas não estavam longe.

Ainda a surpreendia, entretanto, que Nna tinha organizado para que Uche, que ele dizia ser preguiçoso e letárgico como uma mulher à espera de gêmeos, ficasse encarregado dos seus filhos. E Uche estava obedecendo, mesmo que Nna tivesse quase cortado fora uma de suas orelhas num dia em que Uche tinha incomodado tanto que Nna não conseguiu controlar seu temperamento.

Aku-nna lembrava bem daquele dia. Nna tinha voltado para casa para a refeição do meio-dia e visto Uche sentado em uma das cadeiras dele, com o cabelo e o corpo bem alinhados e cheirando a óleo de coco. Ele estava sentado ali, o tio Uche, cantando a partir do livro de hinos da Igreja da Sociedade Missionária. Nna chamou o nome dele com uma voz tão áspera quanto um motor enferrujado. A princípio, Uche não respondeu, e Nna foi tomar o copo que tinha sido servido para ele sobre a mesa de refeições. Ele o chamou de novo, dessa vez com uma voz mortífera como a de um leão feroz pego numa armadilha de caçador. Uche pulou, assim como Aku-nna e também seu irmão, Nna-nndo, que estava ali a postos, esperando que Nna deixasse para ele um pedaço de carne, como ele costumava fazer (pois, de acordo com os costumes, nenhum pai deve terminar com toda a comida do seu prato: ele deve deixar um pedaço de carne ou peixe para que seus filhos compartilhem). Nesse dia, Nna-nndo pressentiu problemas e se afastou na direção da porta. Então Nna falou:

“O que está fazendo aqui, Uche-nna?”. Uche-nna, que significa “pensamentos do pai”, era o nome completo do tio Uche, e, quando Nna chamava alguém pelo nome completo, era sempre mau sinal. “O que você está fazendo aqui?”, ele perguntou de novo, chegando mais perto, seus olhos vermelhos como os frutos de palma.

“Nada, só cantando”, Uche tinha respondido, estremeando como folha de bananeira em meio a um terrível tornado.

“O que quer dizer com *nada, só cantando?*”.

Antes que Uche pudesse abrir a boca para se explicar, o copo de Nna voou e se arrebentou contra a parede atrás do tio Uche. As crianças gritaram, e um maquinista chamado Abosi, um homem igbo de Owerri que, assim

como Nna, tinha ido à casa dele para a refeição do meio-dia, correu para dentro da sala bem a tempo de tirar o tio Uche de cena, pois Uche também estava cego de raiva e reagia a Nna como um touro enfurecido.

“O que você vai fazer?”, Abosi, que era um homem muito alto, perguntou a Uche, “lutar contra seu pai pequeno?”. Entre os igbo, um parente homem de mais idade, que cuida de você como um pai, é referido como seu “pai grande”, se ele for mais velho que seu pai natural. Nna era mais novo que o pai de Uche.

Naquele mesmo dia, Uche deixou a casa para sempre, porque Nna afirmava que não podia suportar vagabundos.

Conforme todos esses pensamentos atravessaram a mente de Aku-nna, ela teve certeza de que Uche ia se vingar em cima dela e do irmão. Mas o rosto do tio Uche não parecia aquele de um homem inclinado à vingança. Ele parecia não apenas pesaroso, como preocupado. Quando ele falou, foi muito, muito devagar, com uma voz espessa e entristecida, dizendo a Aku-nna que ir a um hospital não significava morrer, que o pai dela voltaria para eles em um ou dois dias, que ela não deveria chorar nem sentir medo, porque não havia nada a temer. Aku-nna estava pasma; seu tio parecia estar sofrendo também, sofrendo por causa do pai dela.

As pessoas de Ibuza têm um provérbio que diz que as brigas entre parentes ficam só na superfície da pele, elas nunca penetram até os ossos. Eles têm outro ditado, que diz que, no dia de parentes de sangue, os amigos se vão. Este dia, então, era um dia de parentes de sangue. Aku-nna estava aprendendo.

Tudo isso acontecera havia três semanas e Nna ainda não tinha regressado do hospital para casa.

Ma Blackie tinha enviado um telegrama de Ibuza pedindo que confirmassem o boato que ela ouvira de que seu marido estava doente. Membros da família de Nna em Lagos tinham decidido não contar a ela a verdade.

Por meio de Nna Beaty, a mãe de Beaty, uma amiga de Ma Blackie, que por acaso estava a caminho de Ibuza naquele momento, eles disseram a ela que não se preocupasse, que seus filhos estavam sendo bem cuidados, que seu marido só ficaria no hospital um ou dois dias e logo sairia. Ela foi fortemente aconselhada a direcionar suas atenções ao importante trabalho que ela fora realizar em casa: pacificar a deusa do Rio Oboshi para que lhe concedesse mais filhos e filhas. Ela não deveria se preocupar nem um pouco com sua família em Lagos, pois o que havia para se preocupar? Não estava Uche cuidando das crianças em nome dela? Então Ma ficou em Ibuza.

“Faz exatamente três semanas que Nna foi ao hospital”, Aku-nna pensou consigo mesma, sentada sobre o tapete aberto no chão do quintal dos fundos. Ela não tinha certeza sobre quem havia aberto o tapete ali — talvez a mãe de Ndidi ou a mãe de Azuka —, mas, como o tapete estava limpo e não tinha ninguém nele, ela se sentou ali, de pernas cruzadas, como meninas bem-educadas devem fazer. Você aprende desde criança que, quando senta, você deve dobrar o tecido da sua lappa, chamada iro em iorubá, no formato de uma pipa, de modo que uma ponta dela fique entre as suas pernas, cobrindo seu sexo. Cruzar as pernas era um acréscimo de dupla segurança para o caso do efeito pipa não ter alcançado o resultado desejado; quando uma menina se sentava de pernas cruzadas, era para evitar os olhares curiosos e intrometidos de jovens rapazes.

Aku-nna olhava os criados da casa jogando damas. Ela se perguntava agora quando seu pai voltaria e quando sua mãe voltaria. Por um momento ela tinha apreciado o papel de pequena senhora da casa, mas agora estava cansada disso. Ela havia chegado ao estágio em que daria tudo para voltar da escola e encontrar a mãe, Ma Blackie, sentada na varanda, trançando o longo cabelo preto e brilhante, dizendo que eles iam comer sua sopa preferida, de agbona. Aku-nna adorava aquela sopa e comia o máximo que podia sempre que Ma Blackie cozinhava; agbona é um vegetal viscoso como o quiabo e torna muito fácil a deglutição do inhame amassado, além de ser delicioso. Ela ansiava também pelo dia em que ela poderia correr para encontrar o pai na volta do trabalho e ser reconfortada por ele quando reclamasse que a mãe a tinha xingado ou batido nela. Ela queria que tudo voltasse a ser como antes. Tudo parecia ter mudado tanto em apenas um mês, ela pensou, exceto talvez o sol e a lua e as estrelas. Eles continuavam iguais, surgindo ou desaparecendo atrás das nuvens nos seus momentos apropriados.

Nessa tarde em particular, o sol redondo que estava caindo atrás da cozinha no quintal dos fundos parecia de fogo tanto na cor quanto na intensidade. O céu azul estava lindamente decorado com nuvens de algodão, todas fofinhas e de formas incertas. Alongadas sombras humanas anunciavam a proximidade da noite. Do pátio das locomotivas, perto dali, vinha o som penetrante de uma sirene; uma arma foi disparada em algum lugar nas docas e todos sabiam que eram quatro horas. Quatro era o horário em que todos os trabalhadores braçais iam para casa. Era o horário em que todas as donas de casa paravam de trançar o cabelo, quando encerravam as fofocas, porque seus homens logo estariam em casa, famintos, cansados e irritadiços; então as mulheres corriam para a cozinha a fim de preparar a refeição da noite. Quatro da tarde era um horário muito importante nas vidas das famílias de homens que trabalhavam nas locomotivas. Na casa em

que Aku-nna e seus pais viviam, alguns dos criados tinham marcado a posição do sol às quatro horas, para o caso de, por algum motivo, eles não ouvirem a sirene ou o tiro da arma: às quatro, no horário padrão da África perto da linha do Equador, o sol pousaria sobre aquela linha desenhada com carvão no lado de fora da parede da cozinha.

A correria para as cozinhas tinha agora começado. Donas de casa carregavam suas panelas pretas de ferro numa mão e os inhames que iam socar em seus vários pilões na outra. Os criados ajustavam suas bermudas esfarrapadas e abandonavam o tabuleiro de damas afobados para preparar a comida dos patrões. Aku-nna sentou ali no tapete, observando todos do jeito que um forasteiro faria — um forasteiro que desejava pertencer ao agito e à urgência, mas não podia, já que ela não tinha pelo que se apressar. Ela não podia correr até a cozinha para encontrar o pai, pois Nna não voltaria para casa às quatro; ela não podia correr para cozinhar para um marido, pois, apesar dela estar quase com catorze anos, seu pai não queria saber dela casar cedo. Então ela ficou sentada ali, sem propósito, como se a vida dela tivesse chegado a um súbito fim.

Dick, um dos meninos, disparou um estranho olhar de coruja para ela e desviou os olhos muito rapidamente. Aku-nna se perguntou por que, uma vez que os meninos normalmente implicavam com ela até levá-la às lágrimas, mas o olhar que Dick lhe dirigia no seu trajeto afobado para a cozinha era cheio de compaixão. Ela tentou esquecer do assunto e ocupou a cabeça com o bando de criados. A maioria dos “grandes homens” igbo em Lagos tinha começado como criado. Até seu Nna tinha sido criado do bispo Onyeaboh; ela tinha visto uma fotografia do devoto bispo, sorrindo benevolente em suas túnicas de igreja em preto e branco. Se você fosse um jovem rapaz de quinze anos, mais ou menos, iria morar com um parente solteiro, talvez um tio ou um primo. Você limparia, cozinharía e lavaria as coisas para ele e, como pagamento, seria alimentado, vestido com os descartes do patrão e, com sorte, até frequentaria aulas noturnas para aprender um ofício que lhe permitiria ganhar a vida. O patrão usaria esse período para economizar para o preço de noiva com quem ele, em algum momento, se casaria, e para adquirir móveis e roupas. Na maioria dos casos, a chegada da noiva trazia atritos: o menino queria controlar a vida doméstica e a noiva queria fazer a mesma coisa. A noiva em geral ganhava e então o menino ia embora em busca do seu próprio destino em outro lugar. Era sempre assim, e ainda é hoje em dia, entre os igbos em Lagos. É uma daquelas normas não escritas que vieram para ficar.

Inconscientemente, Aku-nna verificou a parede da cozinha para ver se o sol tinha cometido um erro dessa vez, mas não tinha. O reflexo pousava

perfeitamente sobre a linha de carvão. De repente, a estridente voz da tia Uzo invadiu seus pensamentos.

“Aku-nna, Aku-nna, ooooo”.

“Sim, titia!”, ela gritou de volta, ficando de pé num pulo e se voltando para a direção de onde vinha o grito. Ela viu a tia se aproximar. “Estava me procurando? Eu estava sentada aqui”, a voz de Aku-nna soava como um pedido de desculpas, “sem fazer nada”.

A tia Uzo chegou mais perto e a cumprimentou em silêncio. “Que bom que enfim te encontrei”. Ela parecia cansada, como se o sol ardente tivesse espremido até a última gota de vida dela.

O olhar de Aku-nna perambulou até o robusto nenê que Uzo carregava na lateral do corpo. Ele estava mergulhando as mãos gordinhas dentro da folgada blusa nigeriana da mãe, procurando pelo peito dela. A blusa estava obviamente obstruindo seus movimentos, então ele empurrou a cabeça lanosa para baixo dela também, até que conseguiu pegar um dos seios com sua boca faminta. Uzo, para ajudá-lo, dobrou a blusa até o pescoço e entregou a ele um pendular seio direito. Dessa vez, o nenê agarrou adequadamente e começou a sugar com ganância, sacudindo o pé gordo ao ritmo do seu contentamento, balançando-o para cima e para baixo numa brincadeira agitada. Um pouco do leite que voltou da sua garganta escapou pelos cantos dos lábios e gotejou até as dobrinhas de gordura do seu pescoço. Uzo olhou para o bebê e depois, de modo cúmplice, para Aku-nna, e as duas sorriram quase simultaneamente.

O sorriso espontâneo tirou o cansaço do rosto da tia Uzo que, por um momento, ficou sem rugas. Depois, tão de repente quanto o sorriso tinha aparecido, ele desapareceu de novo, e o rosto assumiu seu habitual visual estreito. Não que a tia Uzo fosse uma mulher idosa; ela era de fato muito jovem, e o bebê Okechukwu era seu primogênito. Ninguém sabia com certeza, entretanto, quando Uzo tinha nascido. Mas, como o bebê tinha dezoito meses, ela provavelmente estava entre os dezesseis e os dezoito ou dezenove anos de idade. Ela tinha sido trazida de Ibuza para Lagos para casar com seu marido, Dogo. “Dogo” é o apelido dado pelos hauçás a qualquer pessoa alta. O Dogo de Uzo tinha sido um motorista no exército durante a guerra contra Hitler, então tinha entrado em contato com muitos hauçás. Quando a guerra acabou, ele queria casar com uma esposa usando o dinheiro que recebera do exército, e o pai de Aku-nna disse a ele: “A filha do meu primo está crescida agora. Ela vem de uma família muito alta também, então por que você não paga por ela? Ela te dará filhos altos, porque seu pai era alto e sua mãe, que ainda vive, também é alta”. Dogo gostou de Uzo e Dogo pagou por Uzo, e Nna os ajudou a conseguir um lugar na Rua

Akinwunmi e agora eles tinham esse bebê gordo e ganancioso que estava devorando a titia Uzo, fazendo com que ela parecesse velha demais para sua idade, deixando-a seca, dando-lhe a aparência de uma gigante.

“Hoje de noite vou contar para vocês uma história que acabo de ouvir de um amigo que chegou de casa ontem”, Uzo disse. “Na verdade, eu já conhecia a história, mas tinha me esquecido dela, e acho que ainda não contei para você e Nna-nndo. Essa história em particular é muito longa e tem duas lindas canções, o tipo de canção que você gosta. Então é melhor você se apressar e começar a cozinhar agora mesmo”, tia Uzo concluiu, enquanto girava o bebê para o outro seio. Então, do nada, ela gritou de dor: “Sua criança malvada! Eu nunca na vida encontrei uma criança tão descuidada quanto você, que fica mastigando meus mamilos como se eles fossem paus de mascar. Não sabe que eles doem? Você quer arrancá-los a dentadas? Você não é o único filho que vou ter, sabe. Outros virão e eu vou precisar dos meus mamilos para alimentá-los. Se você me morder assim de novo, eu vou ter que bater em você”.

Divertindo-se, Aku-nna observou Uzo e seu bebê. O mesmo fez a mãe de Azuka, que estava a caminho da cozinha. “Você ainda não está esperando mais um, está?”, ela perguntou com muita seriedade.

“Que coisa desagradável de se dizer”, respondeu Uzo. “E ainda num dia como hoje. Ele só tem dezoito meses, é novo demais para ser desmamado”.

O sorriso evaporou do rosto da mãe de Azuka e ela caminhou com determinação para a cozinha. Ela gritou para Aku-nna: “Venha cozinhar sua refeição da noite”.

Aku-nna ficou surpresa com essa urgência. Por que estavam todos tão preocupados com a comida? E o que Uzo quis dizer quando falou para a mãe de Azuka “num dia como esse”? O que havia de errado com o dia, ela se perguntou. Ela tinha ido à escola como de costume, o sol tinha brilhado como de costume, e agora o sol estava se pondo como de costume. Então o que tinha se tornado subitamente tão notável? Ela examinou o rosto da titia Uzo, mas recebeu de volta um olhar tão vazio quanto um papel em branco. Não havia pistas do que as duas mulheres estavam comentando em segredo. Então ela deu de ombros e se apressou a fazer o que lhe mandavam.

Aku-nna gostava de ouvir as histórias da titia Uzo, pois ela era uma contadora de histórias nata. Aku-nna, como a maioria de seus amigos, tinha nascido em Lagos, mas seus pais e parentes gostavam de contar histórias nostálgicas sobre sua cidade, Ibuza. A maioria das histórias era como contos de fadas, mas com a diferença que quase todas usavam as típicas canções africanas de chamado-e-resposta: o contador chama e todos os ouvintes respondem. Tia Uzo era particularmente talentosa na arte dessas canções. Às

*image
not
available*

e Aku-nna teve certeza de que ela estivera chorando. Ela quis perguntar por que a tia Uzo não estava segurando o bebê, por que seus olhos estavam vermelhos, por que ela insistira tanto que Aku-nna fizesse a refeição da noite. Aku-nna se impediu de perguntar, porque, na sua cultura, isso teria sido falta de educação, e que tantas perguntas viessem de uma menina jovem como ela seria algo considerado ainda pior que falta de educação.

Uzo a encarou dura e longamente e então, de súbito, pareceu se recompor. “Achei que tinha dito pra que você se apressasse, pois quero contar uma história hoje à noite”, ela disse em sua habitual voz de advertência.

“Mas eu me apressei. Procurei por toda parte por Nna-nndo, mas não consegui encontrar”.

“Não se preocupe com Nna-nndo. Coma a sua parte. Ele vai entrar quando sentir fome. Ele sempre vem”.

Incentivada dessa forma, Aku-nna lavou as mãos na bacia de água que tinha preparado para ela mesma, pegou sua porção de inhame amassado e começou a enrolar bolinhas pequenas o bastante para passar pela garganta. Logo ela tinha comido seu quinhão. Então ela comeu o pedaço de peixe seco na sua cumbuca de sopa e virou o resto da sopa fazendo muito barulho nessa afobação, pois sentia a urgência no ânimo de Uzo, enquanto Uzo olhava vagamente pela janela. Aku-nna lambeu os dedos rapidamente, recolheu as tigelas do chão e se dirigiu ao armário de comida.

Ela foi interrompida por uma batida alta na porta. Aku-nna espiou pela cortina e viu, parada no corredor, outra tia, essa mais velha e mais magra, chamada Mary. Tia Mary estava ali segurando Nna-nndo pelo pulso, e ela também parecia muito infeliz. Aku-nna agora estava com medo. Ela largou as tigelas batendo as louças e seus olhos notaram a lappa apressadamente amarrada à cintura da tia Mary. Tia Mary, outra parente próxima de Nna, era uma mulher muito preocupada com as roupas; ela raramente visitava, pois vivia a uma longa jornada de distância, em Ebute-Metta. Pela cabeça de Aku-nna cruzou o pensamento de que devia haver algo drasticamente errado para que ela viesse visitá-los assim, com uma aparência tão descuidada.

Ela tentou olhar de uma tia para a outra a fim de entender o que estava escondido atrás dos seus olhos vermelhos. Então chegou mais um visitante, dessa vez um homem, um dos homens mais respeitados em Ibuza. Algumas pessoas diziam que ele era médico: parecia bem alimentado, bem arrumado, e falava com uma voz sempre baixa, bem como os médicos de verdade fazem nos hospitais. Ele também usava óculos, óculos de aros dourados e sempre brilhantes. Mas, apesar de Mazi Arinze trabalhar no Hospital Geral na ilha

*image
not
available*

aconteceria com eles, um de cada vez. Uma morte assim podia acontecer nas suas próprias famílias; na verdade, eles mesmos podiam ser a próxima vítima. Então eles choravam, não apenas pelos filhos pequenos de Ezekiel Odiá ou por Ezekiel, mas por eles próprios.

O choque inicial começou a passar. Os pranteadores estavam ficando exaustos. Ainda havia ocasionais lamentos e acessos de tristeza a cada nova chegada de um parente. Aku-nna persistia no choro, mas o impacto dele estava minguando. Para muitas das pessoas sentadas ali, com as cabeças passivamente caídas, Ezekiel Odiá tinha ido encontrar seus ancestrais. Ele estava morto.

Um por um, como se impulsionados por uma força que apenas eles sentiam, os homens começaram a ir para a frente da casa, ao ar livre. A lua estava alta e cheia, mas seu brilho era ofuscado pela luz mais forte oferecida pelo poste elétrico do lado de fora da casa da Rua Akinwunmi. Era uma noite tão quente que os homens tiraram as roupas de cima; os que usavam tecidos de lappa amarrados à cintura os deixaram, alguns estavam agora apenas de bermuda. Então eles se deram as mãos para formar um grande círculo e começaram a bater os pés no chão e a caminhar, primeiro para um lado e depois para o outro. Esse movimento sem palavras de cerca de cinquenta homens fortes, no auge das suas vidas, durou um ou dois minutos. Então, muito de repente, ouviu-se um chamado, próximo, mas distante: os movimentos pesados dificultavam saber de onde vinha. Um só cantor aceitou o chamado. Ele estava chamando o Morte, dizendo a ele que acordasse e visse o que tinha feito. Não tinha levado Ezekiel para longe deles? Tinha tornado impossível para Ezekiel saber onde seu filho estava. Tinha levado Ezekiel embora antes que ele pudesse aproveitar o preço de noiva que sua filha traria. O Morte tinha levado Ezekiel para todo o sempre! Enquanto o solista catalogava tudo que o Morte tinha feito com Ezekiel e a família, os outros homens, agora feito dançarinos desvairados — ainda se movendo em círculos, as mãos mais apertadas que antes, os pés batendo no solo ressequido e cozido pelo sol —, soltaram, de repente e todos juntos, um grande berro. Então giraram mais e mais rápido, engrossando o ar com a poeira despertada, cantando de modo estranho e selvagem. Eles suavam em profusão e seus corpos de carvão brilhavam sob a luz.

Conforme a intensidade da dança aumentou, as mulheres, com lágrimas ainda jorrando dos olhos, começaram aos poucos a se juntar aos homens. Logo o círculo tinha se tornado tão grande que teve que ser dividido em círculos menores. Agora eram as mulheres que respondiam aos chamados. Os homens tinham feito a sua parte; eles tinham despertado o Morte do seu lugar de repouso na terra dos mortos. Agora era a vez das mulheres

*image
not
available*

divertidas. Tinham acontecido coisas que o fizeram perder o senso de humor. Primeiro, ele tinha começado a ver caírem os dentes da frente; foram quatro ao todo, todos na parte de cima da boca, e os dois dentes em cada lado da fenda ainda eram tão brancos e pontudos que davam ao seu rosto a aparência de um crocodilo negro. Depois, ele perdeu um dedo; a dor que a perda desse dedo do meio lhe causou nunca deixou de fasciná-lo. Ele enumerava cada resmungo que tinha grunhido e se queixava de como a vida nunca mais fora a mesma. Ele choramingava: “E pensar que eu fui combater um monstro em forma humana como Hitler e sobrevivi com todos os meus dedos, só para voltar e perder um aqui no meu próprio país, entre meu próprio povo, quando estava apenas serrando madeira”. Os ouvintes sentiam pena e sacudiam a cabeça, concordando que a vida é uma empreitada triste e cruel. Embora o tio Richard só tivesse passado uns poucos meses no exército, eles lhe pagaram muito dinheiro depois da baixa. Ele gastou com sabedoria e conseguiu para si uma esposa chamada Rebecca. Ela era uma moça muito silenciosa, um pouco rechonchuda, mas bonita demais e jovem demais para o tio Richard. Ele nunca parava de bater nela porque dizia que Rebecca estava sempre trocando olhares com outros homens. Eles vinham desde a sua casa na ilha para apresentar seus argumentos a Nna e Ma Blackie. Richard invariavelmente perdia essas disputas, e Nna seguido o avisava que, se ele não parasse de maltratar a esposa, ele logo a perderia também. Foi exatamente isso que aconteceu. Como se não bastasse, ele levou sua amargura para o trabalho e eles logo o demitiram, pois disseram que ele não tentava se dar bem com os colegas. Então o tio Richard ficou sem emprego, sem esposa, faltando dentes e dedo, mas Nna sempre garantia que ele pelo menos ficasse com a barriga cheia quando vinha visitar, o que era bastante frequente.

Aku-nna estava contemplando como ela daria um grande salto por cima do corpo adormecido sem machucar a mão ferida, especialmente porque aquela mão era a que estava mais para cima no seu peito, a mutilação agora mais grotesca na luz fraca, de modo que ela não queria ter que olhar de novo. Ela pegou impulso, elevou-se e saltou. Ela não caiu sobre o tio Richard, mas o assustou, acordando-o.

“Ah, é você?”, ele perguntou com sua voz velha e instável. Então ele sorriu com tristeza, massageando o vazio inchado na sua mão sem perceber, a boca dele mostrando a fenda larga entre os dentes. Esse olhar mais demorado sobre o homem levou Aku-nna a saudá-lo com seu cumprimento tradicional. Todas as pessoas de Ibuza, à exceção de escravos e filhos de escravos, eram tratadas com títulos de louvor particulares em cumprimentos especiais. O cumprimento do tio Richard era o mesmo do pai dela, já que

*image
not
available*

os bebês meninos gordos são chamados de John Bull, por isso o nome dela indicava que ela era mãe de John Bull — e ela sentia que era seu dever alimentar todas as pessoas até que ficassem gordas como os moradores da sua casa. O marido de Mama John Bull era parente de Ma Blackie, então Nna-nndo ia ficar com a família.

“Se não quer mais nada para comer, então vou pegar umas bananas para a sua voz. A minha também está doendo hoje, então vou comer um pouco também”, Uzo disse ao se afastar para atender os chamados do seu bebê.

O resto do dia foi um pesadelo. Pessoas iam e vinham. Conforme o meio-dia se aproximava, o sol ficou quente, e as pessoas vinham e ficavam. Cadeiras foram colocadas para fora mais uma vez, canções foram reiniciadas exatamente como antes, pessoas começaram a chorar de novo, especialmente aquelas que não tinham estado presentes na noite anterior. Pelas duas da tarde, até a voz de Aku-nna retornou, e a bateção de pé tinha ficado intensa. O irmão dela, agora limpo e alimentado, estava sentado sozinho num dos bancos, encarando com medo todos os que vinham ou saíam. A voz de alguém atravessou o tumulto: “Quem dera a mãe das crianças estivesse aqui. Elas parecem tão perdidas”.

Elas não apenas pareciam perdidas, elas se sentiam perdidas. De repente, um forte clamor veio lá de fora. Os dançarinos pararam de dançar, os cristãos pararam de cantar. Todos começaram a gritar e berrar — as mulheres levavam as mãos às cabeças e gritavam, os homens batiam no peito e uivavam. A tia Uzo segurou Aku-nna com firmeza enquanto gritava e gritava, seus olhos fechados derramando lágrimas pesadas como a chuva. O tio Uche segurava Nna-nndo e estava uivando e sacudindo a cabeça de lado a lado. Por que essa nova explosão de emoções, as crianças se perguntavam, assustadas.

Então Aku-nna notou que Uzo estava gritando palavras nos seus ouvidos. O barulho era tão ensurdecedor que ela não percebera a princípio.

“Chore!”, Uzo gritava. “Chore, pois nosso pai que foi ao hospital algumas semanas atrás está de volta. Ele está de volta! Está de volta! Nosso pai está de volta! Ma Blackie, venha e receba seu marido que foi ao hospital algumas semanas atrás, pois ele está de volta para te oferecer um último adeus”.

As crianças então compreenderam. O corpo do pai tinha sido trazido para casa. Aku-nna e o irmão foram conduzidos a outro aposento, que pertencia a um vizinho. Eles tinham que ficar ali até que o corpo do pai estivesse pronto para ser visto.

Houve uma grande discussão sobre que grupo de enlutados privilegiados sentaria perto do corpo de Nna. Nna fora antes um pagão, depois um cristão, depois um cristão e pagão, então era difícil prever para onde

Ninguém mais chorava. Todas as lágrimas já tinham sido derramadas. Aku-nna, ainda debilitada pelo desmaio mais cedo, se movia mecanicamente como se puxada por cordas. Ela viu seu irmão jogar dois punhados de terra sobre Nna. Ela fez o mesmo. Todos pareceram sair de um transe e jogaram terra, pedras, de tudo, sobre Nna. Não serviria de nada pedir que fossem delicados, Aku-nna considerou. Nna não podia sentir.

Os coveiros, ainda mascando furiosamente as nozes-de-cola, jogaram pás e mais pás cheias de terra sobre o caixão. Eles eram tão desalmados, estavam até mesmo distraídos. Eles apenas mexiam as pás. O ruído forte produzido pelas pedras e pela terra sobre o caixão desprotegido era um último adeus de Ezekiel para seus filhos.

“Lembrem sempre que vocês são meus”, ele tinha dito apenas três semanas antes.

Aku-nna percebeu que seu irmão, Nna-nndo, estava parado sozinho. Ela caminhou até ele, tocou na sua mão e, juntos, eles saíram do cemitério.

As pessoas de Ibuza têm um ditado de que, no dia de parentes de sangue, os amigos se vão.

Havia uma coisa que ela estava determinada a fazer: dessa vez ela ia desobedecer Okonkwo. Ela sabia que uma mulher deveria sempre obedecer um cunhado mais velho, mas agora ela não se importava nem um pouco. Ela faria exatamente o que Ozubu tinha sugerido, apesar de que, por outras razões. Ozubu tomaria como sinal de desprezo por Okonkwo, mas Ma Blackie estava preocupada com a sua família.

A sorte estava com ela. Bem quando ela estava saindo do owele, o banheiro das mulheres, ela viu entrar Ezebona, a esposa mais nova de Okonkwo. Ele já devia ter terminado com ela então. Ma caminhou muito rápido, seus pés esmagando as folhas secas conforme ela andava. Quando ela chegou à árvore egbo que marcava o limite da casa pessoal de Okonkwo, ela gritou o cumprimento da manhã para ele.

Ele respondeu com o cumprimento especial dela, “Amu-apal”, e saiu vestindo a tanga de trabalho no campo. Bastou um vislumbre do rosto dela para saber que não estava tudo bem, e ele a convidou a entrar.

Eles sentaram sobre o pavimento elevado de terra que circundava toda a cabana e servia de assento. O aposento maior na parte da frente servia de local para visitas e tinha uma reentrância para uma janela no teto que permitia a entrada de luz e também recolhia água da chuva. No cômodo do centro, dormiam tanto os humanos quanto os animais — cabras e carneiros — da família. Na extremidade desse espaço aberto e parcialmente descoberto, estavam algumas peles de cabra e os apoios para cabeça, feitos de madeira, que ainda não haviam sido guardados. Ozubu tinha razão, pensou Ma Blackie: Okonkwo dormia com sua nova esposa até o segundo canto do galo!

Ma não se deixou incomodar, nem se perturbou com o cheiro dos excrementos e da urina das cabras que ainda infestava o ar. Ela apenas contou ao cunhado o que o curandeiro tinha dito.

Okonkwo se levantou, levantou o tapa-sexo e o dobrou para dentro numa espécie de envelope triangular, dentro do qual repousavam seus genitais, deixando nuas as nádegas. Então ele se sentou de novo sobre o banco de terra fria, soprando para longe as moscas atraídas pelos excrementos das cabras. Ele estava pensando e, a julgar pela cara feia que fazia, seus pensamentos não eram felizes.

“Você deve ir”, ele disse enfim. “E se Ezekiel culpar você por voltar sem concluir o tratamento, diga a ele que eu mandei que fosse assim. Lembre Ezekiel, caso ele tenha esquecido, que eu sou o mais velho e primeiro filho do nosso pai. Cabe a mim a palavra final e cabe a ele obedecer. Diga isso a ele. Agora vá”.

Ezebona entrou para varrer o aposento estilo pátio com uma longa

*image
not
available*

ganhava o pão tinha partido, então seus dependentes tinham que voltar para casa e cuidar de si mesmos o melhor que pudessem. Não havia mais nada a ser feito, eles tinham que partir.

Era uma manhã limpa e luminosa quando o pequeno e triste grupo se foi da Rua Akinwunmi. Os vizinhos se despediram com pequenos presentes e lágrimas. As crianças lamentavam muito deixar a única vida que conheciam, os amigos, os parentes de Lagos — especialmente o tio Joseph e o tio Uche, que tinham cuidado delas desde que o pai doente fora ao hospital. Mas disseram a elas que deveriam deixar tudo para trás e encarar uma nova vida em Ibuza.

Aku-nna se lembrava apenas de retalhos de histórias sobre como era a vida em Ibuza. Ela sabia que teria que se casar e que o preço de noiva que ela renderia ajudaria a pagar as mensalidades da escola do irmão, Nna-nndo. Ela não se incomodava com isso, pelo menos significava que ela seria bem alimentada. O que ela temia era o tipo de homem que seria escolhido para ela. Ela teria gostado de casar com alguém que vivesse em Lagos, para que ela não precisasse trabalhar no campo e carregar mandioca. Ela tinha ouvido histórias sobre como a vida no campo podia ser desgastante para uma mulher. Ela tinha ouvido que um marido fazendeiro não dava dinheiro para a manutenção da casa, como o pai dela dava à sua mãe. Havia tantas perguntas que ela queria fazer, mas era considerado falta de educação ser curiosa demais. Então Aku-nna ouvia, se preocupava e rezava a Deus para que os ajudasse.

Nessa manhã, quando eles estavam deixando Lagos para sempre, o tio Uche chamou um freteiro. Todos os seus pertences tinham sido reunidos e precisavam ser colocados numa carroça de mão e levados para o lugar onde embarcariam no caminhão para Ibuza. O freteiro que apareceu era igbo; os igbos têm a reputação de não se importar com o trabalho que farão, desde que dê dinheiro — um povo especialmente obstinado nos negócios. Ele era baixo, muito preto, nem um pouco bonito, mas jovem e charmoso, e ele disse que por cinco xelins ele puxaria as posses dos Odias para o estacionamento de Iddo.

“Cinco xelins!”, protestou Ma Blackie. “Você acha que estou indo para casa para um feriado ou para o Natal? Não enxerga as minhas roupas? Não sabe que o marido que me trouxe a esta cidade como uma jovem noiva não está mais? De que parte de Igbolândia você veio? Se eu tivesse chamado um freteiro ngbati, um homem iorubá, eu tenho certeza que ele teria pena da minha condição e cobraria menos. Mas ah, não, não nós, igbos! Tudo que conhecemos é dinheiro, dinheiro, dinheiro! Valorizamos tanto o dinheiro que nos esquecemos do medo de Deus”.